

Estudos sobre a Crítica Literária de Benedito Nunes e sua itinerância intelectual em Belém do Pará

Studies about the Literary Critique of Benedito Nunes and its intellectual intinerance in Belém from Pará

Geovane Silva BELO*
Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: Pela dimensão da crítica literária de Benedito Nunes, a sua história intelectual e os desdobramentos do seu pensamento são indispensáveis aos estudiosos que procuram compreendê-lo como filósofo da literatura, teórico e intérprete da Amazônia. Cabe a este artigo apresentar um conjunto de pesquisas sobre sua crítica de literatura e uma síntese do seu itinerário intelectual em Belém do Pará. Morador da Rua da Estrela no bairro do Marco, na capital paraense, Benedito Nunes não se considerava uma “planta nativa”, por isso criticava o localismo e as visões endógenas da arte, mas, a partir de estudos avançados, em aulas, entrevistas, ensaios, orientações, seminários se tornou um “fazedor de intelectuais”, guiando uma rede de sociabilidade em diversas instituições do Pará. Assim, com ênfase na relação entre filosofia e literatura, construiu uma trajetória e uma crítica com alcance ético e universalizante. Seus ensaios circularam em jornais e revistas com grande impacto cultural. Seus estudos no campo literário contribuíram enormemente para a validação estética e histórica de autores da Literatura da Amazônia paraense como Mário Faustino, Max Martins, Paulo Plínio Abreu, Ruy Barata e muitas outras vozes invisibilizadas pelo cânone brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Benedito Nunes; Crítica Literária; Itinerância Intelectual.

ABSTRACT: Due to the dimension of Benedito Nunes’ literary criticism, his intellectual history and the unfolding of his thought are indispensable to scholars who seek to understand him as a philosopher of literature, theorist and interpreter of the Amazon. It is up to this article to present a set of researches on his criticism of literature and a synthesis of his intellectual itinerary in Belém do Pará. A resident of Rua da Estrela in the Marco neighborhood, in the capital of Pará, Benedito Nunes did not consider himself a “native plant”, that is why he criticized localism and endogenous views of art, but, from advanced studies, in classes, interviews, essays, orientations, seminars he became a “maker of intellectuals”, guiding a network of sociability in various institutions in Pará Thus, with an emphasis on the relationship between philosophy and literature, he built a trajectory and a critique with an ethical and universalizing scope. His essays circulated in newspapers and magazines with great cultural impact. His

* Doutor em Educação (UFPA) e Professor do Instituto Federal do Pará. E-mail:geovanebelo@hotmail.com

Recebido em: 19/07/2021

Aceito em: 14/10/2021

studies in the literary field contributed enormously to the aesthetic and historical validation of authors from the Literature of the Amazon of Pará such as Mário Faustino, Max Martins, Paulo Plínio Abreu, Ruy Barata and many other voices made invisible by the Brazilian canon.

KEYWORDS: Benedito Nunes; literary criticism; intellectual itinerary

Introdução

Este texto propõe uma leitura do estado da arte sobre a crítica literária de Benedito Nunes, ensaísta, professor e filósofo paraense e apresenta, a partir destas fontes, sua itinerância intelectual em Belém do Pará. Benedito Nunes, como intelectual enviesado pelo humanismo, pensa o conhecimento como transmissão de uma cultura letrada, que perpassa instituições como a Universidade, mas sem os moldes do tecnicismo e do utilitarismo. Por acreditar em um humanismo alargado, capaz de possibilitar uma formação ética e universal, o conjunto de sua obra não se prende a localismos, mas dá ênfase a autores da Literatura da Amazônia paraense engajados ao modernismo e com forte sensibilidade simbolista. A chamada *intelligentsia* local das décadas de 1950 e 1960 de Belém do Pará é formada por professores, jornalistas, artistas e escritores considerados autodidatas. A história intelectual de Benedito Nunes se conflui a desta geração. Além disso, a sua voz se constitui a mais importante no campo da crítica literária na região. Considerado um filósofo da literatura, seus estudos críticos tiveram grande repercussão em jornais e revista no Brasil, na América Latina e na Europa.

Benedito Nunes, na concepção de Jean-François Sirinelli (2003), tem maior relação com a definição do intelectual como pensador da cultura. Sua atuação como professor-ensaísta se desenvolveu na linha da crítica literária, da filosofia e da análise acerca da cultura amazônica. Um dos mais importantes leitores de Clarice Lispector, de João Cabral de Melo Neto e de Guimarães Rosa, Benedito Nunes apresentou também um conjunto de textos ensaístico sobre escritores de Literatura da Amazônia, a maioria com os quais Nunes estabeleceu uma unidade de geração durante mais de cinquenta anos de constante produtividade.

Benedito José Viana da Costa Nunes nasceu em Belém 21 de novembro de 1929 e faleceu em 27 de fevereiro de 2011, contribuiu com a *Folha do Norte* (1946-1951), onde iniciou a carreira de crítico de literatura em 1952 com “A estreia de um poeta”, artigo sobre o livro *O Estranho* do amigo Max Martins¹. Foi Francisco Paulo Mendes que o aconselhou a seguir o trajeto do gênero ensaísta e a repensar sua incursão pela arte poética (TARRICOME, 2011, p. 57). Colaborou com o *Suplemento Artes e Letras* no jornal *A Província do Pará* (entre 1956 e 1957). Depois, dirigiu e integrou a equipe de autores das revistas *Encontro* (1948), com Mário

¹ *Max Martins* nasceu em 1926, atuou como funcionário público e a partir de 1991 dirigiu a Casa da Linguagem, da Fundação Curro Velho, em Belém. É considerado um dos maiores poetas da Amazônia. Escreveu importantes livros como “O Estranho” (1952), “Antirretrato” (1960) e *Não pra Consolar* (1992).

Faustino e Haroldo Maranhão, e *Norte* (1952), com Max Martins e Orlando Costa. Publicou ativamente nos suplementos literários do *Jornal do Brasil* (entre 1956 e 1961), a convite de Reinado Jardim. Mais tarde, Décio de Almeida Prado o conduziria a *O Estado de São Paulo* (entre 1959 e 1982), no qual estreou com o artigo “O Panorama Cultural de 1959”. Ainda escreveu para *O Estado de Minas Gerais* (entre 1963 e 1974), no suplemento literário criado por Murilo Rubião e na *Folha de São Paulo* (entre 1959 e 2006)². Os livros “O mundo de Clarice Lispector” (1966) e “O dorso do tigre” (1969) o consagraram como um dos principais críticos literários da segunda metade do século XX no Brasil, principalmente, a partir da década de 1950, quando as críticas sobre a obra de autores como Clarice Lispector, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto tiveram eco no sudeste brasileiro. À Clarice, o livro *O drama da linguagem* também foi dedicado. Benedito Nunes ainda participou da organização de um volume especial pela coleção *Archives*, de Paris, sobre a autora.

Benedito Nunes era um pensador, ativo nos debates na universalidade, todavia tinha hábitos simples e a maior parte da sua vida foi dedicada à docência e à vida urbana de Belém. Morou na capital paraense por toda a vida, com exceção de alguns períodos, quando estudou na *Sorbonne* em Paris ou quando ministrou cursos ou conferências em diversas instituições superiores nacionais e internacionais, entre estas a *Universidades de Rennes*, na França, *a do Porto*, em Portugal, as *de Austin*, de *Berkeley*, de *Stanford* e de *Yale*, nos Estados Unidos.

Para Benedito Nunes (1996), as viagens serviam para purificar a visão. Sempre que podia, por motivações intelectuais ou convites, viajava, mas regressava a Belém. Estabeleceu uma identidade com a atmosfera belenense, marcada pelos costumes citadinos, pelos encontros regados à filosofia e às diversas artes. Não obstante, recusou muitos chamamentos para morar e trabalhar definitivamente no exterior, preferiu permanecer, mantendo uma vida modesta, de leituras e estudos avançados em sua biblioteca, assim como aulas, entrevistas, orientações, seminários e eventos. “No Pará, tenho muitas relações, muitos amigos, é bom dizer. Mas conservo também, é verdade, a distância e a calma que, para mim, são indispensáveis ao trabalho intelectual [...] Talvez por isso eu entenda a região amazônica sem precisar do apoio de localismos” (NUNES, 1996, p. 2). Descreve sua intimidade com a cidade no artigo *Belém: Cultural Center* (NUNES, 2004b), e no livro de crônicas em parceria com o romancista Milton Hatoum, *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus* (NUNES, 2006).

Como pensador da cultura e crítico literário, ao tratar da cultura paraense, em um de seus ensaios, classificou-a como versificada, polimórfica, em que o originário indígena e africano, o popular e as tradições, o candomblé e a pajelança dialogam com o universo intelectual, jurídico, artístico, literário e urbano, isto é, uma cultura capaz de “combinar o mais acurado localismo ao mais autêntico senso universalista” (NUNES, 2012, p. 59). Pelo engajamento em grupos,

² Algumas das informações bibliográficas estão em *Sobre o autor*, publicado em *Do Marajó ao Arquivo, breve panorama da cultura no Pará*, Secult/pa, ed.ufpa, 2012, p. 489.

por atuar em instituições educativas renomadas, na circulação de ideias, por esta interioridade, sobretudo, é que Benedito se inscreveu no papel de intérprete da cultura amazônica, dos movimentos culturais, econômicos e sociais do século XX no Pará, principalmente, os da Belém em zona de contato com a economia, com a cultura e com o espírito iluminista europeu.

Seus estudos no campo literário contribuíram enormemente para a validação estética e histórica de autores da Literatura no Pará como Mário Faustino, Max Martins, Paulo Plínio Abreu, Ruy Barata e muitas outras vozes invisibilizadas pelo cânone brasileiro.

1. A obra de Benedito Nunes

Respectivamente, a partir da primeira edição, foram publicados os seguintes livros de Benedito Nunes: “O mundo de Clarice Lispector” (1966), “Introdução à Filosofia da Arte” (1966), “A Filosofia Contemporânea” (1967), “Farias Brito - trechos escolhidos” (1967), “O Dorso do Tigre” (1969), “João Cabral de Melo Neto” (1971), “Leitura de Clarice Lispector” (1973), “Oswald Canibal” (1979), “Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger” (1986), “O tempo na narrativa” (1988), “O Drama da Linguagem” (1989) “No tempo do niilismo e outros ensaios” (1993), “Crivo de Papel” (1998), “Hermenêutica e Poesia - o pensamento poético” (1999), “O Nietzsche de Heidegger” (2000), “Dois ensaios e duas lembranças” (2000), “Heidegger e Ser e Tempo” (2002), “Crônica de duas cidades - Belém e Manaus” (com Milton Hatoum, em 2006), “João Cabral: A Máquina do Poema” (2007) “A Clave do Poético” (2009) e “Ensaio filosófico” (2010), “Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará” (2012) e “A Rosa o que é de Rosa. Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa” (2013).

Foi agraciado por um conjunto de prêmios ao longo da vida. Recebeu por duas vezes o Prêmio Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro em 1987 por *Passagem para o poético: poesia e filosofia em Heidegger* (Ática, 1986) e em 2010 por *A chave do poético* (organização de Vitor Sales Pinheiro, Companhia das Letras, 2009); o Prêmio Multicultural Estadão em 1998; o Prêmio Ministério da Cultura / Fundação Nacional de Arte – Funarte em 1999; a Comenda Ordem do Cruzeiro do Sul, concedida pelo Ministério do Exterior em 2003; a Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura em 2004; o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte em 2005; o título de Doutor *Honoris causa* da *Universidade da Amazônia* em 2009.

O conjunto da obra de Benedito Nunes recebeu o *Prêmio Machado de Assis* em 2010. Dirigiu o Conselho da Editora da *Universidade Federal do Pará* de agosto de 2009 até o seu falecimento, em fevereiro de 2011. Benedito foi reconhecido como pensador especialmente pela aproximação entre literatura e filosofia, ou seja, deu à literatura uma visão filosófica e à filosofia uma abordagem literária. Para ele, a poesia, com o conceito firmado por Goethe de literatura universal, também se universaliza, dela emanam vozes em confluência, mas nos fala sempre “sob a tônica de sentimentos fundamentais distintos e na perspectiva histórica de

uma determinada leitura da tradição poética” (NUNES, 2004, p. 5). As duas se entrelaçam, pois são linguagens intercambiantes. Intercomunicam-se, porém sem perder a autonomia. “É dessa rede de associações, desse diálogo, que a qualidade de sua produção se sobressai” (TARRICOME, 2011, p. 28). Vilém Flusser (1968) na resenha que escreveu para o *Estado de São Paulo* sobre *O mundo de Clarice Lispector* destacou a crítica de Benedito como “prova da maturidade e da universalidade do pensamento brasileiro” e prossegue “uma contribuição para a temática fundamental da nossa cultura”, a ideia de cosmopolita intelectual está presente em Flusser (1968) por ver que o valor do pensamento de Benedito Nunes não se limita às fronteiras regionais.

Nos artigos “O ocaso da Literatura ou falência da crítica?”, “Crítica Literária no Brasil, Ontem e Hoje” e “Meu Caminho na Crítica (NUNES, 2009)”, em um exercício metalinguístico da memória, Benedito revisita as tendências da pesquisa na crítica literária, repensa o perfil e as incertezas do trabalho analítico do próprio crítico, inclusive levantando contestações a respeito da soberania, do erro e da imaturidade de seu olhar. Decerto, a crítica do autor é inerente à filosofia, como em Immanuel Kant (NUNES, 2000).

2. A crítica Literária de Benedito Nunes: estado da arte

Nestas duas primeiras décadas do século XXI, diversas pesquisas se voltaram para o conhecimento construído na longa obra do intelectual Benedito Nunes, principalmente acerca de sua crítica na relação dialógica entre filosofia e literatura. Jucimara Tarricone (2011), pesquisadora na área de Teoria e História Literária pela UNICAMP, desenvolveu uma tese de doutorado em 2007 na Universidade de São Paulo intitulada *Hermenêutica e Crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes*, sob a orientação da professora Aurora Fornoni Bernardini (TARRICOME, 2011). Com a obra foi finalista do Prêmio Jabuti em 2012, a autora analisa o percurso interpretativo de Benedito, a busca de compreensão na perspectiva hermenêutica. Nesta lógica, surge um movimento do sentido às referências, na qual o intérprete busca compreender a si mesmo, ou seja, um desvelamento de intenções dissimuladas por detrás do texto.

Em consonância com a ótica Heideggeriana, interpretar é revelar o ser-no-mundo diante do texto. Tendo este prisma fecundante, Jucimara Tarricone (2011) faz um levantamento minucioso das principais obras de Benedito Nunes e, assim, examina as marcas filosóficas, as tensões entre a escrita dos literatos e a crítica dos críticos literários e os traços de historização nos escritos do autor. Antes de apresentar cada texto, Jucimara (2011) faz uma leitura das circunstâncias em que surgiram, com as informações devidas de ordem cultural. O objetivo da tese de Jucimara Tarricone é entender a atividade crítica, o *corpus* intelectual na volumosa produção de Benedito Nunes. Ao estudá-lo, projeta as aproximações entre Benedito e o grupo do Norte e as suas referências estrangeiras (Nietzsche, Heidegger e Ricoeur).

O primeiro capítulo, “Uma incursão ao pensamento de Benedito Nunes”, apresenta os principais textos do autor e apoia-se nos pressupostos teórico-metodológicos do pensador. Para isso, procura desvelar “a história de vida”. A capital paraense é o lugar onde a cultura resulta do encontro entre intelectuais em espaços de sociabilidade. O capítulo procura compreender o despontar do pensamento de Benedito Nunes em diálogo com os “amigos” de letras que frequentam os lugares de circulação cultural. O movimento de discussão possibilita as primeiras incursões de Benedito Nunes na filosofia e na literatura. Destacam-se aqui os aspectos da vivência e trocas simbólicas com uma juventude intelectual com os amigos em Belém e a convivência em espaços como o do Café Central, as colaborações do crítico à imprensa. O trabalho sinaliza parte de seu percurso acadêmico e atenta-se à crítica divulgada em jornais sobre diversos temas e poetas, como Clarice Lispector e Oswald de Andrade.

No segundo capítulo, “A Crítica Crítico-reflexiva de Benedito Nunes”, Jucimara analisa quatro aspectos em um painel da crítica literária do professor: “- Crítica definida como tensão entre a escrita dos escritores e a leitura dos críticos; - Confronto de ideias estéticas e poéticas; - Discurso teórico-crítico marcado por uma postura filosófica; - Procedimento de historicização e o uso constante do ensaio” (2011, p. 277).

No último capítulo, “A Opacidade Crítica, A Linguagem na Divisa entre o Conceitual e a Criação de Imagens”, Tarricone inicia apontando os percursos marcantes do trabalho: a leitura hermenêutica, a investigação filosófica da obra literária, a crítica que nasce da tensão, a postura do crítico, os desdobramentos de vozes filosóficas que interrogam a poesia e a si mesmos e a linguagem crítica no uso do ensaio. Depois desta síntese, empenha-se em estudar a construção de expressões nos ensaios de Benedito Nunes como multileitor, a preocupação do autor com o leitor na dinâmica do hermeneuta, as indagações e os aspectos linguísticos que marcam sua escrita.

Eis um dos traços marcantes no estudo de Jucimara Tarricone: estudar o pensamento de um Benedito Nunes “escritor-filósofo”, um pesquisador crítico equilibrado entre as criações e o conceitual, a opacidade como um fio, uma conexão entre a crítica e o poético. A crítica literária é, pois, uma releitura, o que permite sempre um questionamento sobre o objeto de estudo. Para Tarricone (2011), em Benedito a metáfora está inscrita, em uma natureza multidisciplinar e epistemológica do metafórico.

Outra tese de valioso calibre analisa a crítica literária de Benedito Nunes. O trabalho é da professora Maria de Fátima do Nascimento, do Instituto de Letras e Comunicação da UFPA. *Benedito Nunes e a moderna crítica literária brasileira (1946-1969)* foi orientado pela professora Suzi Frankl Sperber e defendida no Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas em 2012 e recebeu pela UFPA o *Prêmio Benedito Nunes* de melhor tese em 2014. A autora discute a fase inicial da vida intelectual e das primeiras produções de “Arte Suplemento Literatura” no jornal *Folha do Norte* (1946-1951),

o “Rodapé de Crítica” de *A Província do Pará* (1956-1957) e nas Revistas Encontro (1948) e Norte (1952). Para tanto, faz a compilação dos artigos na Fundação Cultural Tancredo Neves (CENTUR), de Belém do Pará. Também analisa os escritos em periódicos como o suplemento de *O Jornal do Brasil*, de *O Estado de São Paulo* e de *O Estado de Minas Gerais*. A pesquisa abrange ainda os dois primeiros livros *O mundo de Clarice Lispector* (1966) e *O dorso do Tigre* (1969).

Na perspectiva de entender o Modernismo como movimento em que se situa a crítica de Benedito Nunes, Maria de Fátima do Nascimento recorre às revistas paraenses das décadas de 1920 e 1930, respectivamente, *Belém Nova* (1923-1929) e *Terra Imatura* (1938-1942), e artigos no já citado suplemento do jornal Folha do Norte (1946-1951).

A autora divide o trabalho em dois volumes, no primeiro mostra a trajetória intelectual referente à vida cultural de Belém, as imbricações das leituras embrionárias do pensamento de Benedito Nunes com os filósofos cristãos São Tomás de Aquino e Pascal e em especial a influência de Kierkegaard, precursor do Existencialismo, fontes marcantes na trajetória inicial do autor. Segue se espalhando na crítica de Benedito Nunes sobre Clarice Lispector e revela as influências de Sartre e Heidegger, principalmente acerca da concepção ontológica do ser para a palavra. No segundo volume da Tese, *Benedito Nunes: Anexos/Acervo*, apresenta uma amostra do acervo jornalístico pessoal da biblioteca de Benedito Nunes, do período de sua mocidade até o prestígio nacional na crítica literária. A segunda parte reúne textos publicados de Benedito Nunes nos periódicos do Pará e em jornais de outros estados, assim como de outros autores nacionais e internacionais com os quais o crítico partilhou a formação no matiz modernista.

O texto de Maria de Fátima do Nascimento traz a perspectiva da história intelectual. Dá acesso a fontes indispensáveis do próprio Benedito Nunes sobre sua trajetória e a sua atuação inicial como educador. Apesar de o interesse desta tese não recair sobre a crítica literária, as elucidações sobre as suas atividades intelectuais no campo filosófico e cultural se colocam como diretriz na revelação de suas contribuições ao campo educativo.

Há várias dissertações de Mestrado, ainda na linha da crítica literária, anteriores às pesquisas até aqui apresentadas, estas assinalam o objeto investigativo em alguns livros de Benedito Nunes. São elas: “Alguns aspectos da crítica literária de Benedito Nunes”, dissertação defendida na PUC/RS, de José Guilherme de Oliveira Castro (1976), sobre *O Dorso do Tigre* (1969); “A filosofia da Arte para Benedito Nunes”, dissertação defendida na PUC/RJ, por Maria Neuza Monteiro (1978), sobre *Introdução à Filosofia da Arte* (1966); “Filosofia e Ficção: o ser em O Drama da Linguagem, de Benedito Nunes”, dissertação de mestrado defendida na UFSC/SC, por Nilo Carlos Pereira (2003), sobre o princípio do ser no livro de 1989, que aborda a obra de Clarice Lispector sob a ótica Heideggeriana; e a mais recente “Diálogos filosóficos com Benedito Nunes”, dissertação de mestrado defendida na UFAM/AM, por Andréa Costa de Andrade (2006), acerca dos livros *Introdução à Filosofia da Arte* (1966) e *Crivo de Papel*

(1998).

Grande parte dos trabalhos científicos sobre Benedito Nunes está centralizada na crítica literária. A UNICAMP, onde o professor ministrou cursos ao longo da vida e foi homenageado em 2009 no Congresso “Benedito Nunes, o diálogo entre literatura e filosofia”, do qual participou e ministrou a conferência Magna com “Meu caminho na crítica” (NUNES, 2009), destaca-se na produção de trabalhos na pós-graduação. Nessa Universidade, além das teses de Jucimara Tarricone e Maria de Fátima do Nascimento, em 2003, uma dissertação no campo da Educação, de Fátima Aparecida Chaguri de Oliveira abordou a crítica de Benedito Nunes sob o prisma dos estudos literários. O trabalho intitulado “Perspectivas e possibilidades de aproximação da filosofia e literatura no pensamento de Benedito Nunes: um estudo hermenêutico” (OLIVEIRA, 2003), orientado pelo Doutor César Aparecido Nunes, objetivou analisar os processos históricos de cisão e de aproximação da Filosofia e da Literatura. O estudo buscou na aproximação/distanciamento a aplicação em sala de aula da análise filosófica sobre as obras literárias, levando em conta as contribuições do pensamento filosófico à análise literária e vice-versa, como pensava Benedito Nunes, duas linguagens intercambiantes, mas cada qual com sua autonomia. A proposta se voltou para uma ampliação das possibilidades de ensino de literatura no Ensino Médio. Fátima Chaguri utilizou como ferramenta diversos ensaios críticos de Benedito Nunes sobre o escritor Guimarães Rosa.

No domínio da pós-graduação, apenas uma pesquisa levantada não se voltou para a crítica literária, o trabalho de dissertação “Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia”, de Maria Stella Faciola Pessoa Guimarães (2012), orientado pela Doutora Edna Maria Ramos de Castro e defendido em 2012 no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) para o Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável no Trópico Úmido da UFPA. O estudo focaliza a produção de Benedito Nunes sobre a região amazônica, levando em conta o contexto de criação deste pensamento. As reflexões apresentadas em entrevistas, ensaios, palestras, sobre a história, a sociedade e as culturas da Amazônia interessaram a Maria Stella Guimarães. São analisados e contextualizados 11 textos, com o objetivo de apresentar Benedito Nunes no papel de intérprete da Amazônia, sem se deixar tomar pelo espírito regionalista.

O trabalho de Maria Stella Guimarães aponta para um Benedito cujo realce habita na relação entre a Educação e a história intelectual, posto que atividade docente e escritos do autor sobre a área se intercomunicam com o contexto histórico-social da região, com as experiências que vivencia no meio cultural e acadêmico de então. O trabalho interdisciplinar de Benedito Nunes em trânsito com os estudos da cultura, com os aspectos econômicos e sociais da Amazônia permite uma compreensão mais significativa também da sua força como crítico e educador “humanista autodidata”.

O professor Victor Sales Pinheiro, docente da *Universidade Federal do Pará*, no Instituto

de Ciências Jurídicas, coordenou ao lado de Benedito Nunes a edição bilíngue da obra completa de Platão, traduzida por Carlos Alberto Nunes, em 18 volumes (*Banquete, Fedón e Fedro* já publicados), para o *Banquete* escreveu o prefácio e a introdução. Regeu as atividades dos cursos de formação que Benedito Nunes ministrou no Centro de Cultura e Formação Cristã (CCFC) em Belém em 2009. Também organizou e apresentou os seguintes livros de Nunes: *A chave do poético* (2009). (Prêmio Jabuti de Teoria e Crítica Literária 2011), *Ensaio Filosófico* (2010), *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará* (2012), *A Rosa o que é de Rosa - Literatura e Filosofia* (2013). Junto com Luiz Costa Lima, também esteve na organização de *Benedito Nunes - o pensamento poético* (2012) e, junto com Maria Célia Jacob, da *Revista Asas da Palavra* (2009), n.25, edição em homenagem da Universidade da Amazônia a Benedito Nunes. Portanto, Victor foi amigo, organizador da obra e pesquisador da história intelectual de Benedito Nunes e último discípulo próximo do autor.

Victor Sales Pinheiro publicou vários artigos em revistas, entre os quais “Benedito Nunes, filósofo da literatura” (2011), “O diálogo entre filosofia e literatura: a crítica de Benedito Nunes e a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer” (2009) e *O “Universalismo de Benedito Nunes”* (2009).

Ainda que não se situe no âmbito acadêmico, o livro *Amigo Bené, fazedor de Rumos* da professora Lilia Silvestre Chaves (2011), sobrinha, amiga de vida e de docência na Universidade, interessa-nos como fonte relevante para a composição do estado da arte. A obra aponta a cronologia da vida e da obra do filósofo e docente, apresenta depoimentos, textos inéditos, manuscritos e fotografias de acervos pessoais.

Benedito Nunes é analisado em artigos publicados em revistas, capítulos de livros e matérias em portais e jornais impressos. O autor é recorrentemente citado por estudantes de pós-graduação em trabalhos acerca da obra de Clarice Lispector, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Max Martins, Mário Faustino e Haroldo Maranhão. A revista *Asas da Palavra*, da Universidade da Amazônia (UNAMA), publicou uma edição especial em 2009 com artigos, crônicas e homenagens ao autor, tendo como colaboradores importantes intelectuais da Educação, muitos citados aqui como Jucimara Tarricone, Maria Stella Pessôa e Victor Sales Pinheiro.

3. A História Intelectual de Benedito Nunes e a paisagem cultural de Belém do Pará

Todavia, a concepção do intelectual com engajamento político e de forte relação com a vida urbana pode apontar para o Benedito Nunes ligado à cidade de Belém. Benedito Nunes colaborou com o *Suplemento Literário Artes e Letras* do Jornal *A Província do Pará* entre 1956 e 1974, e foi um dos fundadores e colaboradores da revista *Encontro* (1948), com Mário Faustino e Haroldo Maranhão, e da *Norte* (1952), com Max Martins e Orlando Costa. Em relação à estrutura de sociabilidade e o prazer da convivência, Benedito Nunes integrou essa

rede de efervescência cultural em Belém e vivenciou com os amigos as mudanças artísticas e intelectuais que impulsionaram o grupo a um posicionamento crítico voltado para a arte, a política, a literatura, o cinema, o teatro etc.

Com Haroldo Maranhão, Mário Faustino, Max Martins e outros intelectuais encontravam-se nos Cafés ou em chás literários, realizados em lugares, como a “Casa da Estrella”, onde morava Benedito Nunes. Em especial, nas décadas de 1950 e 1960, o grupo de intelectuais composto por jovens escritores, professores, advogados, críticos de arte, sobre a regência do professor Francisco Paulo Mendes reuniam-se principalmente no Café Central anexo ao prédio do Hotel Central, na Avenida Presidente Vargas, quase diariamente às 10h da manhã ou às 17h para conversar sobre cultura, atividades intelectuais na universidade e sobre as produções culturais da cidade³. “Era um hotel civilizado, não é como aquela bagunça que tem hoje” (NUNES, 2008, p. 12). Ao usar o dêitico “hoje” ao se referir à bagunça, note como Benedito faz uma comparação entre passado (memória afetiva) e o presente (experiência traumatizante). Na época, a estrutura de sociabilidade nos espaços sociais impulsionava a circulação de ideias e permitia o “microclima” ou “microcosmo” necessário à formação de uma sensibilidade crítica e arraigada em hábitos análogos à cultura parisiense. A Belém do Pará lembrava os traços da arquitetura europeia do iluminismo e produziu espaços de encontro intelectual análogos à capital francesa. Talvez o saudosismo de Benedito Nunes se dê pelo pertencimento a este período e estas vivências da Belém de outrora.

A unidade do grupo social de Benedito Nunes na década de 1950 se estruturou por meio do laço de geração e da sensibilidade cultural do amigo Haroldo Maranhão na organização dos intelectuais ligados ao Suplemento da *Folha do Norte*: “Haroldo Maranhão criou e dirigiu o Suplemento Literário da Folha do Norte, que se tornou o órgão de uma geração promissora” (NUNES, 2012, p. 137). Sirinelli (2003) pensa que a história política dos intelectuais está marcada pela pesquisa e pela exegese dos textos, principalmente os impressos, pois são o primeiro suporte da opinião, “em cuja gênese, circulação e transmissão os intelectuais desempenham um papel decisivo” (SIRINELLI, 2003, p. 245). Assim, a história social dos intelectuais exigiria um esforço analítico de elementos dispersos, dinâmicos, um exame sistemático, sobretudo, com caráter prosopográfico. Desse modo, uma história dos intelectuais deveria apresentar na base a observação do *dégradé* e da circulação no âmbito das ideologias, da cultura política e das mentalidades coletivas (SIRINELLI, 2003, p. 262).

Entender o itinerário do professor-pensador Benedito Nunes requer uma consciência sobre a constituição de seu pensamento intelectual, sua biografia e, sobretudo, sobre a história de seu pensamento. Entendê-la requer uma mirada para sua “vida filosófica”, cuja existência e

³ Estas informações basearam-se no prefácio do livro de ABREU, Paulo Plínio . *Poesia*. 1978 e em SAMPAIO, Ângela Maria Vasconcelos. *Paulo Plínio Abreu e o Enigma da Palavra: Uma Introdução ao estudo da Metapoesia*, Universidade Federal do Pará, Belém – 2003 p. 59

experiência humana foram dedicadas à formação e ao autodidatismo.

O processo de formação e de atuação intelectual de Benedito Nunes na Belém do século XX se deu dentro de um espaço de sociabilidade. Em 1943, com os amigos poetas de Belém fundou “A Academia dos Novos”. Integravam o grupo, entre outros, Alonso Rocha⁴, Max Martins e Haroldo Maranhão. Segundo Benedito Nunes, “copiava em tudo a organização da Academia Brasileira de Letras”, “a Academia dos Novos era progressista em política e reacionária em arte” (2012, p. 161) e só em 1946, tardiamente, compreenderam o pensamento modernista, que teve no Brasil muitas interfaces.

Entre estas interfaces, o Modernismo no Pará desponta com a “Academia do Peixe Frito”, liderada por Bruno de Menezes⁵, e que congregava intelectuais, à margem das elites, no Mercado Ver-o-peso, era, por isso, distinta e com expressões estéticas populares, com as quais o grupo do Café-Central, mais elitista e conservador, não dialogava.

O modernismo no Pará, já na década de 1920, com a “Academia do Peixe Frito”, que antecedeu a geração de Benedito Nunes, formou uma paisagem cultural ativa, de estética popular e com influência da cultura afro-brasileira, bem diferente da geração paulista de Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Benedito Nunes, muito tardiamente, reconhece a relevância de Bruno de Menezes ao movimento no Pará, divide a fisionomia da poesia do autor em três fases: a primeira teria um painel simbolista, colocando-o no limiar da “Academia dos novos”, já a segunda, de Painel modernista afro-brasileiro e a terceira, de Painel Urbano modernista. Portanto, Benedito Nunes compreende um modernismo anterior ao de sua geração, que só a partir de 1946 aderiu ao movimento, já com perspectivas mais europeizadas e assimiladas pela cultura intelectual do país.

O movimento simbolista-parnaso que congregava a “Academia dos Novos”⁶, aos rebuscamentos inerentes ao estilo, se mostrou incipiente à busca intelectual do grupo. Então, com a adesão de membros desta rede à proposta modernista a partir de 1946, em uma virada intelectual, um universo literário se abriu para os estudos de Benedito Nunes. Seguiu para a crítica literária, por meio do gênero ensaístico e escreveu sobre João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e sobre amigos de seu convívio. A relação entre literatura e filosofia foi o caminho na crítica literária moderna. Sobre Mário Faustino, Benedito Nunes

⁴ *Alonso Rocha* foi poeta e bancário, ingressou na Academia de Letras em 1963, na qual atuou por décadas e desta foi presidente em 2010. Era considerado o Príncipe dos poetas do Pará.

⁵ *Bruno de Menezes* nasceu em 1893 e faleceu em 1963, trabalhou como funcionário público estadual, servindo, no Tesouro do Estado, na Secretaria de Agricultura. Em 1923, fundou a revista *Belém Nova*. Em 1944, tornou-se membro da *Academia Paraense de Letras*. É considerado uma espécie de precursor do modernismo em Belém, pois seus poemas tratam da cultura negra, da cidade e do amor.

⁶ A chamada “Academia dos Novos” era uma espécie de agremiação de jovens poetas de Belém criada em 1942, ao molde da “Academia Brasileira de Letras”, do grupo participaram Max Martins, Benedito Nunes e Haroldo Maranhão, entre outros. A Academia objetivava revigorar a poesia ao modo parnasiano. Todavia, a partir de 1946, passaram a se aproximar do Modernismo.

destacou a qualidade da escrita e também o jornalismo literário inigualável que o amigo construiu sobre a poesia.

Por esta razão, no campo sociopolítico e cultural, o movimento agregador da intelectualidade em Belém, principalmente a partir de 1947, passou a ser o modernismo paraense. Benedito Nunes e Haroldo Maranhão se consideraram demovidos da oposição ao Modernismo e seduzidos pelo movimento: “Não deve ser desprezado o depoimento de quem se opôs intransigentemente a uma escola e aos seus valores, e hoje se confessa inapelavelmente traído” (MARANHÃO, 1946, p. 4). Por outro lado, no Brasil e no contexto da Amazônia, o que havia era uma dimensão modernista restaurada, menos revolucionária, mais próxima de uma experiência de desvelamento estético, uma abertura menos libertária e mais crítica da poesia aos procedimentos de criação.

Conclusão

O professor Francisco Mendes, ainda na década de 1940, recomendou que Benedito Nunes abandonasse as pretensões de poeta e se dedicasse ao gênero ensaístico. Ruy Barata, amigo de Benedito Nunes, no jornal *Folha do Norte*, apresentou esta cena enunciativa: “[Benedito Nunes] escreveu poesias até 1949, quando reconheceu a tempo que tinha batido em porta errada. A voz dos amigos e de seu próprio coração diz que tem pendor para os estudos de filosofia”. (BARATA, 1950, p. 7).

A escrita de Benedito Nunes é um exercício do próprio pensamento, seus estudos no campo da crítica literária, sua prática intelectual como intérprete da cultura e também a atividade docente exercida até o fim da vida refletem seu *Drama da linguagem* (1989), em paráfrase ao livro título com o qual analisou a obra de Clarice Lispector. Como dizia seu amigo Paulo Plínio Abreu no poema *Arte Poética*: “A luta do poeta não é com o anjo/ mas com o verbo que dissolve em poesia” (ABREU, 2008, p. 26). Em alusão ao trabalho com a escrita, a luta com o verbo significa também o desdobramento do intelectual em operações interpretativas, ações que requerem, além de sinuoso conhecimento teórico, a procura da exatidão. “Não sei se sou filósofo. Talvez não passe de um professor de filosofia aposentado. Mas procuro ser um bom escritor. Preocupação que me foi inculcada por Mário Faustino. Luto contra o mais grave pecado do escritor: a inexatidão, que Fernando Pessoa combateu” (NUNES, 1998, p. 2).

Ao tratar da escrita, não nos cabe pensá-la somente em relação à modalidade linguística: “discurso escrito” e “discurso oral”. A escrita de Benedito Nunes se maneja em uma multiplicidade de fronteiras, como registro, em critérios linguísticos, comunicacionais e históricos. Um registro não é somente uma categoria lexical, sintática, textual, existe uma escrita acadêmica, filosófica, teórico-literária, cultural, em que se manifesta um fazer-crítico aprofundado. A escrita é o exercício de um pensamento intelectual, as práticas e a formação de

Benedito Nunes nos encaminham para um posicionamento dentro de redes de sociabilidade, complexas e onde circulam ideias, em condições ideológicas privilegiadas.

A escrita, neste caso, pode ser uma prática discursiva empreendida por um intelectual erudito, que também produz oralmente discursos com alto grau de objetividade, isso ocorre quando textos são endereçados a interlocutores inscritos em redes e em entidades consideradas elevadas, como nas palestras e nas aulas que proferiu na Universidade, por exemplo.

O pensamento de Benedito Nunes em “atitude crítica” se desdobra em muitas direções, a crítica literária é apenas uma interface de sua cartografia intelectual, porque é, sem dúvida, um intelectual consciente de seu tempo, cuja vocação é representar (SAID, 2005). Por isso, a escrita e o gênero ensaístico se tornam o *modus operandi* do seu pensar, principalmente quando Benedito reconstitui um panorama da cultura no Pará, reativando memórias sobre as redes de sociabilidade e a organização dos intelectuais em torno de organismos, de revistas, de jornais, de produções culturais em um microcosmo cultural.

Na crítica, o pensamento do filósofo se direciona para a procura de um conhecimento interpretativo do objeto literário, mas mesmo nesta função observa e absorve a história. Além disso, a escrita de Benedito Nunes registra seu papel de intérprete da cultura no Pará. Não restrita às questões literárias, sua mirada alcança a vida intelectual da Amazônia, da produção cultural local de Belém, porque sua prática se insere no contexto de pensadores do século XX que fazem um estudo amplificado das culturas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Paulo Plínio. **Poesia**. 2ª ed., Belém: EDUFPA, 2008.
- ANDRADE, Andréa Costa de. **Diálogos Filosóficos com Benedito Nunes**. Manaus, Dissertação de Mestrado, UFAM, 2006.
- BARATA, Ruy. Benedito Nunes. **Folha do Norte**, Belém. 24 de dezembro de 1950.
- CASTRO, José Guilherme de Oliveira. **Alguns Aspectos da Crítica Literária de Benedito Nunes**. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, PUC – RS, 1976.
- CHAVES, Lilia Silvestre. **Amigo Bené, fazedor de rumos**. Belém. Secult, 2011.
- FLUSSER, Vilém. **O mundo de Clarice Lispector, de Benedito Nunes**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 de jun. 1968.
- GUIMARÃES, Maria Stella Faciola Pessôa. **Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia**. Orientadora: Edna Maria Ramos de Castro. **Núcleo de Altos Estudos Avançados Amazônica (NAEA)**, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável no Trópico Úmido. Dissertação de Mestrado, UFPA, 2012.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto**. Martin Claret – tradução de Agostinho D’Ornellas, São Paulo, 2002.

- MARANHÃO, Haroldo. —**O último Modernista**. Folha do Norte., Arte Suplemento Literatura, Belém, 05 maio 1946, p. 4.
- MONTEIRO, Maria Neuza. **A filosofia da Arte para Benedito Nunes**. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, PUC-RJ, 1978.
- NASCIMENTO, Maria de Fátima do, **Benedito Nunes e a moderna crítica literária brasileira (1946-1969)** /. Campinas, SP: [s.n.], 2012. Orientador: Suzi Frankl Sperber. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- NUNES, Benedito. **Do Marajó ao Arquivo, breve panorama da cultura no Pará**, Secult/pa, ed.ufpa, 2012, p. 59. Texto publicado originalmente em *Amazônia, terra & civilização: um trajetória de 60 anos*. Organização de Amando Dias Mendes. Belém: Banco da Amazônia; Manaus: Fundação Djalma Batista, 2004.
- BENEDITO NUNES. **O Mundo de Clarice Lispector**. Manaus, Editora do Governo do Estado do Amazonas, 1966.
- _____. **Introdução à Filosofia da Arte**. São Paulo, Desa, 1967a. (col. Buriti, 7).
- _____. **O Dorso do Tigre**. São Paulo, Perspectiva, 1969 (col. Debates).
- _____. **João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro, Vozes, 1974 (col. Poetas Modernos do Brasil, 1).
- _____. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo, Quiron, 1973 (col. Escritores de Hoje).
- _____. **Oswald Canibal**. São Paulo, D Perspectiva, 1979 (col. Elos, 26).
- _____. **Passagem para o poético: Filosofia e poesia em Heidegger**. São Paulo, Ática, 1986. (Ensaio, 122).
- _____. **O Tempo na Narrativa**. São Paulo, Ática, 1988.
- _____. **O Drama da Linguagem**. Uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo, Ática, 1989.
- _____. **No Tempo do Niilismo e outros Ensaio**s. São Paulo, Ática, 1993a.
- _____. **A Morte da Arte em Hegel**. In: DUARTE, Rodrigo (Org). *Morte da Arte, Hoje*. Belo Horizonte, Laboratório de Estética da FAFICH-UFMG, 1993b.p. 9-33.
- _____. **Crivo de Papel**. 2 ed. São Paulo, Ática, 1998, (série Temas, 67).
- _____. **Hermenêutica e Poesia: O pensamento Poético**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1999.
- _____. **Heidegger e Ser e Tempo**. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.
- _____ & Hatoum, Milton. **Crônica de Duas Cidades: Belém e Manaus**. Belém, Secult, 2006.
- _____. **João Cabral: A Máquina do Poema**. Organização e Prefácio de Adalberto Müller. Brasília, Editora da UnB, 2007 (col. Letras e Ideias).

- _____. **Entrevista concedida ao professor Ernani Chaves.** Trans/Form/ação, São Paulo, 31(1): 9-23, 2008.
- _____. **A Clave do Poético.** Organização e apresentação de Victor Sales Pinheiro e prefácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- _____. **Ensaio Filosóficos.** Organização e apresentação de Victor Sales Pinheiro. São Paulo, Editora 34, 2010.
- _____. **Amigo Bené, fazedor de rumos.** Belém. Secult, 2011.
- _____. Entrevista. “Conversas com filósofos brasileiros”, texto republicado em *In: CHAVES, Lilia Silvestre (org.) Amigo Bené, fazedor de rumos.* Belém. Secult, 2011.
- _____ & PINHEIRO, V.S. (Org.). **Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará.** 1a. ed. Belém: Secult-Pa; Ed.Ufpa, 2012.
- _____ & PINHEIRO, V.S. (Org.) ; HANSEN, J.A. (Org.) . **A Rosa o que é de Rosa.** Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa. 1. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2013.
- _____. **Manifesto por um Teatro-Escola no Pará,** em 10 de março de 1957a, no jornal A Província do Pará, encarte Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1.
- _____. **A província do Pará,** em 10 de março de 1957b. Suplemento Letras e Artes, Caderno 2, p. 2.
- _____. **Um roteiro de livros de um sábio paraense.** Entrevista concedida ao jornalista Lúcio Flávio Pinto. A Província do Pará, Belém, 26 de maio de 1991.
- _____. “Max Martins, Mestre-Aprendiz”, Prefácio do Livro **Não para consolar:** poemas reunidos (1952 – 1992), de Max Martins, CEJUP, 1992.
- _____. **Benedito Nunes ensina o caminho de volta, crítico paraense defende a radicalidade dos escritores para afirmar grandeza da Amazônia/** Entrevista concedida ao jornalista José Castello. O Estado de São Paulo, 27 de jan. de 1996. Caderno 2.
- _____. **Ética e leitura.** Crivo de papel. São Paulo: Ática, 1998a.
- _____. **O Nietzsche de Heidegger.** Rio de Janeiro, Pazulin, 2000a.
- _____. **Dois Ensaio e Duas Lembranças.** Belém, Secult/ UNAMA, 2000b.
- _____. **Crítica Literária no Brasil Ontem e Hoje,** 2000d, p. 51-52.
- _____. **Francisco Paulo Mendes, para além da crítica literária.** O amigo Chico, fazedor de poetas, organização Benedito Nunes, Secult, 2001.
- _____. **Dois mestres e uma só lembrança.** Separata da Revista de Cultura do Pará, conselho Estadual de Cultura, v. 14, n. 1, janeiro de 2003.
- _____. **Cultural Center.** Literary Cultures of Latin American: A Comparative History Oxford, 2004.
- _____. **Discurso proferido em 28 de fevereiro de 2005 e publicado em: Para a história**

- da UFPA: o ensino de biblioteconomia, de Clodoaldo F. R. Beckmann. Ed. UFPA, 2007.
- _____. **Entrevista com Benedito Nunes**. Trans/Form/Ação. São Paulo, 31(1), pp. 9-23, 2008, p. 22.
- _____. **Meu caminho na crítica**. A clave do poético. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 23-42.
- OLIVEIRA, Fátima de Aparecida Chaguri. **Perspectivas e Possibilidades de Aproximação da Filosofia e da Literatura no Pensamento de Benedito Nunes**. Campinas, Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2003.
- PEREIRA, Nilo Carlos. **Filosofia e Ficção: O Ser em O Drama da Linguagem, de Benedito Nunes**. Florianópolis, Dissertação de Mestrado, UFSC, 2003.
- PINHEIRO, V.S. (Org.). **Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará**. 1a. ed. Belém: Secult-Pa; Ed.Ufpa, 2012.
- _____. (Org.) ; HANSEN, J.A. (Org.) . **A Rosa o que é de Rosa. Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2013.
- _____. (org.), **Asas da Palavra**. Revista de Letras V 12. n. 25. junho. 2009.
- _____. **Ekstasis: revista de Hermenêutica e Fenomenologia**. Ano 1. V. 1, 2012, p. 169.
- _____. (Org.) LIMA, L. C. (Org.). **Benedito Nunes - o pensamento poético**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Azougue, 2012. 532p.
- _____. **Benedito Nunes, filósofo da literatura**. A Palo Seco: Escritos de Filosofia e Literatura, v. 3, p. 18-27, 2011. PINHEIRO, V.S.2009
- _____. **O diálogo entre filosofia e literatura: a crítica de Benedito Nunes e a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer**. Intuitio (Porto Alegre), v. 2, p. 364-376, 2009.
- _____. **O universalismo de Benedito Nunes**. Asas da Palavra (UNAMA), v. 12, p. 195-210, 2009.
- _____. (Org.). **Ensaio filosófico**. 1a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SAMPAIO, Ângela Maria Vasconcelos. **Paulo Plínio Abreu e o Enigma da Palavra: Uma Introdução ao estudo da Metapoesia**, Universidade Federal do Pará, Belém – 2003 p. 59.
- SAID, Edward. **Representações do Intelectual: as conferências Reith de 1993**. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, R. (org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV. 2003.
- TARRICOME, Jucimara. **Hermenêutica e crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes**. São Paulo: Edusp para Ed. UFPA, 2011, p. 57.